



PERSPECTIVAS DE INTERVENÇÃO EDUCACIONAL DE ALUNOS SURDOCEGOS, QUE CONTRIBUEM PARA A INCLUSÃO ESCOLAR

Luiz Carlos Souza Bezerra

Universidade Católica de Pernambuco
bezerralc@gmail.com

Wanilda Maria Alves Cavalcanti

Universidade Católica de Pernambuco
wanildamaria@yahoo.com

Introdução

As práticas educacionais, nos últimos anos, têm se constituído alvo de grandes reflexões, especialmente considerando o processo de ensino aprendizagem de crianças surdocegas, com intuito de incluí-los na sociedade, resgatando uma dívida que por muito tempo a sociedade não foi capaz de proporcionar a esse grupo, deixando-o à margem do processo educacional.

Podemos citar como um dos motivos da exclusão desses alunos, a concepção reducionista dos sujeitos, em que o “déficit” é decisivo, para que seja marcado como incapaz de aprender. Desse modo, a estrutura que a escola sempre apresentou mostra que os alunos devem se adaptar a ela, e, em casos de alunos com alguma necessidade especial fica inviável recebê-lo, e atender suas necessidades, não só educacionais, mas também humanas e sociais.

Com o movimento da inclusão, os profissionais da educação de um modo geral vêm sendo convidados a refletirem sobre seus conceitos, suas práticas, em busca de celebrar a diversidade das pessoas, atendendo a individualidade de cada um. Com estes alunos sendo convi-



dados a frequentar as escolas, faz-se necessário que ela passe por transformações, inclusive na concepção que os gestores e profissionais tem sobre esse aluno. Tradicionalmente, norteando as propostas pedagógicas propunham que a tarefa de buscar a inserção escolar e social, cabia ao aluno, sem que a escola tivesse de trabalhar para isso.

Mais recentemente, as discussões sobre o contexto escolar inclusivista tem levado professores a refletirem sobre suas práticas pedagógicas, pois a escola passa a lidar com o “novo”, o “inesperado”, com a vinda de alunos, que até então, não se faziam presentes.

Alguns pesquisadores da área, mostram que a surdocegueira, apesar de ser considerada como uma nova área de trabalho, pouco conhecida da população bem como do ambiente escolar, não pode permanecer assim, excluído da rede de ensino público.

Para incluir o aluno surdocego no contexto escolar não basta só matriculá-los, e integrá-los com os demais, exige mais do que isso. A escola precisa estar aberta para conhecer a singularidade desses sujeitos, e, para isso a prática pedagógica precisa ser modificada, para atender as necessidades e interesses desses alunos, como de tantos outros que não possuem problemas sensoriais, intelectuais, etc., mas que podem ao longo de sua vida, manifestar alguma dificuldade.

Como afirma o MEC:

Inclusão não significa simplesmente matricular todos os educandos com necessidades especiais na classe comum, ignorando suas necessidades específicas, mas significa dar ao professor e à escola o suporte necessário a sua ação pedagógica. (MEC, 2001, p.40).



Dessa forma, incluir é diferente de integrar. A escola deve procurar incluí-los na aprendizagem e não apenas no espaço físico. O que está em jogo são os interesses e as necessidades dos alunos, e, para isso ela precisa conhecê-los.

A surdocegueira é definida pelo Grupo Brasil de Apoio ao Surdocegos e ao múltiplo deficiente sensorial como:

[...] uma deficiência singular com distintos graus de perdas visuais e auditivas. Há casos com comprometimentos associados como: físico, cardíaco e outros. Estes déficits assumem dimensões multiplicativas únicas no desenvolvimento, interferindo nas interações no ambiente [...].(2005, p. 6).

Pesquisadores da área como (CADER-NASCIMENTO e COSTA, 2003; 2005; MAIA e ARÁOZ, 2002 e MEC, 2003), vêm conceituando a surdocegueira como “deficiência” única e não o somatório de surdez e cegueira. Esta concepção gerou por muito tempo uma prática educacional também segmentada para surdez e cegueira separadamente, fragmentando dessa forma o sujeito, que ora é surdo, com cegueira, e outra que é cego, com surdez.

Os principais teóricos brasileiros, mencionados acima ressaltam que esta condição pode surgir em dois períodos distintos: pré-lingüístico (quando adquire a surdocegueira antes da aquisição de uma língua) e pós-lingüístico (adquire a surdocegueira após a aquisição de uma língua).

O surdocego terá como principais implicações: a comunicação, o acesso às informações do ambiente, o acesso às habilidades sócio-culturais, como também a mobilidade. Diante delas, é certo que o atendimento educacional será diferenciado, uma vez que é preciso de



início estabelecer, antes do que qualquer outra atenção, uma alternativa de comunicação. Cabe ressaltar aqui, que a linguagem oral é primazia de ouvintes, mas o professor deve estar atento às diversas modalidades de linguagem, tais como, os gestos, as expressões faciais, a LIBRAS, o Tadoma, o Braille, dentre outras que poderão ser adaptadas dependendo das circunstâncias.

Nesse caso, os profissionais não precisam estar enfatizando a língua oral como única via de acesso a comunicação com ouvintes, essas outras alternativas apresentadas acima, podem compor um itinerário que leve o surdocego a comunicar-se. E, certamente, é isso que pretendemos alcançar, investindo nesse cenário pouco estimulador, que desacredita de princípio, das possibilidades de que o surdocego vença as barreiras de sua privação sensorial.

Em alguns casos, estes sujeitos, pelas limitações auditivas e visuais que apresentam, tendem a manter-se isolados, sem buscar comunicar-se com os demais, apresentando comportamento hipoativo. Ou seja, aquela criança que não mostra intencionalidade comunicativa, não busca interagir. Elas podem também desenvolver comportamentos do tipo hiperativo, traduzidos em uma atividade permanente, ou seja, não param, estão sempre se movimentando, utilizando muitas vezes, movimentos estereotipados com as mãos frentes aos olhos, se apresentando mais agressivos, o que alguns profissionais chegam a rotulá-los como autistas. Esses comportamentos são resultantes de carência de estimulação adequada, que na maioria dos casos não receberam precocemente, muito claramente decorrentes do desconhecimento da família e dos profissionais.

Frente a essa situação os profissionais devem elaborar uma proposta de atividades funcionais que propor-



cionem ao aluno estímulos táteis, gustativos, olfativos, juntamente com a estimulação dos sentidos remanescentes da audição e visão, utilizando o movimento como meio para despertar a consciência do educando para os efeitos da comunicação.

Uma das abordagens que vem sendo empregada na atualidade com alunos surdocegos pré-lingüísticos, são as abordagens co-ativas defendidas por van Dijk (1968). Neste trabalho é enfatizado o desenvolvimento de atividades em conjunto com o mediador, visando ampliar a consciência de comunicação dessa criança.

Van Dijk (1968) enfatiza o uso de formas diferenciadas de comunicação, e, simultaneamente, desenvolvem um trabalho de estimulação sensorial, realizado com base no movimento, na exploração de objetos e na estimulação tátil que a criança desenvolverá uma forma de comunicação.

Acreditamos que a estimulação sensorial será de grande importância para o desenvolvimento da criança, mas não devemos esquecer que a qualidade desta interação será decisiva para a constituição da linguagem e do sujeito, que se constitui na e pela linguagem. O professor deve estar atento ao processo de subjetivação desse sujeito, na constituição da linguagem no contexto escolar, aspecto muitas vezes negligenciado por educadores e profissionais em geral.

O nosso propósito com a realização desta pesquisa, foi verificar através do discurso dos profissionais, como vêm sendo desenvolvidos os atendimentos ao aluno surdocego, com intuito de contribuir para o melhor esclarecimento sobre essa temática, ao mesmo tempo que busca ressignificar as práticas escolares, com o intuito de atualizá-las, contribuindo dessa forma, para o bem estar da criança, seus familiares e da escola.



Metodologia

O presente estudo teve parecer favorável para sua realização através do Comitê de Ética em Pesquisa do HEMOPE, sob número 020/07. Inicialmente procuramos identificar, e, posteriormente, contactar às instituições que oferecem atendimento a surdocegos nos estados de Pernambuco (PE) e Ceará (CE). Após essa fase, nos articulamos com os sujeitos explicando os objetivos da pesquisa, bem como, a importância dos questionamentos sobre o desenvolvimento dos atendimentos a estes sujeitos na rede de ensino público.

A amostra constitui-se de 4 (quatro) sujeitos, conforme descrevemos abaixo:

Quadro 1: Descrição dos sujeitos participantes da pesquisa.

Sujeitos	Caracterização
1	Tem formação em Fonoaudiologia, desenvolve o atendimento educacional ao surdocego na instituição escolar, localizada na cidade de Fortaleza-CE.
2	Tem formação em Pedagogia, desenvolve o atendimento educacional ao surdocego na instituição escolar, localizada na cidade de Fortaleza-CE.
3	Tem formação em Pedagogia, desenvolve o atendimento educacional ao surdocego na instituição escola, localizada na cidade de Recife-PE.
4	Tem formação em Pedagogia, desenvolve o atendimento educacional ao surdocego na instituição escolar, localizada em um município no interior do Estado de Pernambuco-PE.

Identificamos apenas uma instituição que oferece atendimento ao surdocego localizada na cidade de Fortaleza. Em Pernambuco, identificamos duas instituições:



uma localizada na cidade do Recife e a outra em um município no interior do Estado de PE. Todas são de caráter público.

Para cada sujeito participante foi entregue um termo de consentimento livre esclarecido, com a finalidade de obter a autorização e informá-lo sobre a coleta e análise dos dados.

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semi-estruturada com cada participante isoladamente, buscando identificar de que forma os alunos surdocegos vêm sendo estimulados na instituição educacional. Foram gravadas e posteriormente transcritas para análise e discussão dos resultados.

Para análise dos dados, optamos por uma metodologia qualitativa, apoiando-nos nas propostas apresentadas por Minayo (1998).

Resultados e Discussão

Após transcrição dos dados, pudemos observar a existência de um número de profissionais que se dedicam a esse trabalho bastante reduzido, o que reflete na oferta dos serviços, embora os Estados venham realizando capacitações.

Vale salientar que as capacitações são de fundamental importância, mas insuficientes para ampliação dos serviços. Na realidade não sabemos quais os critérios que vem sendo trabalhados nas capacitações, temos informações que elas vêm contribuindo para informar o professor, mas não vêm sendo instrumento para implementação dos serviços.

Nesse caso, observamos que essas capacitações visam informar o corpo docente e divulgar a surdocegueira.



Aliado a elas, a elaboração de políticas públicas efetivas, seria o ideal. O quadro abaixo retrata as perspectiva de atendimento educacional a esse público de alunos.

Quadro 2: Informações sobre a formação específica na área de surdocegueira, dificuldades, perspectivas e contribuições para o atendimento as necessidades dos alunos do Estado do CE.

Sujeitos	Formação específica na área	Dificuldades encontradas	Perspectiva do trabalho	Os atendimentos têm contribuído para atender as necessidades dos alunos ?
1 – CE	Participou de capacitações	Materiais e participação da família.	Possam se comunicar, socializar e incluir na sociedade.	Vem buscando atender as necessidades humanas, educacionais e específicas dos alunos surdocegos.
2 – CE	Participou de capacitações	Materiais e participação da família.	Que eles tenham vida social ativa sejam inclusos.	Vem buscando atender as necessidades humanas, educacionais e específicas dos alunos surdocegos.

Pudemos verificar no quadro acima que estes sujeitos tiveram capacitação na área, para poderem desenvolver propostas visando promover ações educacionais para surdocegos. Essa constatação representa uma iniciativa louvável por parte do Estado, a fim de que possam desenvolver uma proposta crítica-reflexiva. Não adianta convidar os alunos estarem nas escolas sem capacitar os profissionais. No entanto, é bom deixar claro que não são apenas os professores que precisam passar pelas capacitações, mas toda a escola precisa conhecer esse aluno, suas características, interesses e necessidades.



Mesmo tendo capacitações os profissionais sentem dificuldades em operacionalizar a proposta educacional, sobretudo, aquelas relacionadas ao emprego de materiais que auxiliem no desenvolvimento de atividades. Esses professores argumentam que não há materiais prontos, os recursos precisam ser adaptados e/ou confeccionados. Essa dificuldade poderia ser suprida com a disponibilização desses recursos, diminuindo as dificuldades que circulam a rotina dos atendimentos.

Além dessa dificuldade, as entrevistadas **1** e **2** mencionam outro aspecto que dificulta sua proposta de atendimento que é relacionados a família. Sabemos que não é fácil para ela aceitar tão simplesmente que tem um filho surdocego. Devido à concepção que ainda permeia na sociedade, de não acreditar nas suas reais possibilidades, em geral, como já mencionamos antes, vêem apenas suas limitações. Nesse caso, esses pais precisam ser orientados, precisam de apoio. Dessa forma, o Estado deveria oferecer atendimento escolar não somente ao surdocego, mas grupos de apoio à família, uma vez, que fica a mercê da própria vida, sem ter informações, e, para isso, os profissionais precisam esclarecer melhor sobre essa condição e suas necessidades específicas.

O quadro acima nos apresenta que as perspectivas dos profissionais em relação aos atendimentos que desenvolvem é que esses alunos sejam incluídos na sociedade. Essa perspectiva é a que também almejamos que o surdocego seja olhado como pessoa, capaz de aprender, construir, podendo ser incluída numa sociedade tão exclusiva, que desconhece a singularidade do outro.

As entrevistadas **1** e **2** mencionam que nos atendimentos que propõem vem buscando atender as necessidades humanas, educacionais e específicas do surdocego.



Quadro 3: Linha adotada, objetivos do trabalho, recursos utilizados e participação da família nos atendimentos desenvolvidos no CE.

Sujeitos	Linha adotada	Objetivos do trabalho	Recursos utilizados	Participação da família
1 – CE	Não utiliza uma linha teórica específica, mas busca atuar nas necessidades que o aluno apresenta.	Desenvolver comunicação e independência.	Utilizam recursos de comunicação alternativa dentre eles: o alfabeto manual, Libras, Braille, escrita em negro, entre outros.	Buscam incluir a família, orientá-los. Mas grandes partes das famílias não se interessam em aprender a forma de comunicação que é trabalhada na escola.
2 – CE	Não utiliza uma linha teórica específica, mas busca atuar nas necessidades que o aluno apresenta.	Desenvolver comunicação e independência.	Utilizam recursos de comunicação alternativa dentre eles: o alfabeto manual, Libras, Braille, escrita em negro, entre outros.	Buscam incluir a família, orientá-los. Mas grandes partes das famílias não se interessam em aprender a forma de comunicação que é trabalhada na escola.

É possível verificar no quadro acima que as entrevistadas **1** e **2** não utilizam uma linha teórica específica. Mas buscam intervir nas necessidades que o aluno apresenta naquele momento. Todo planejamento educacional parte das necessidades de cada aluno. Já com relação aos objetivos do trabalho, ambas mencionam que trabalham, para desenvolver a comunicação e a independência do aluno. Dessa forma, as entrevistadas vêm atuando para amenizar a principal dificuldade do surdocego que é relacionada com a comunicação. Todo trabalho a ser iniciado com surdocegos devem almejar desenvolver competências comunicativas (CADER-NASCIMENTO e COSTA, 2005).

Em relação aos recursos mais utilizados nas propostas educacionais referem-se a utilizar recursos de comunicação alternativa, dentre eles: o alfabeto ma-



nual, Libras, Braille, escrita em negro, entre outros. Nesse caso, o atendimento vem contribuindo bastante para o desenvolvimento da comunicação, uma vez que o trabalho de comunicação a ser desenvolvido com surdocegos, não é apenas desenvolver a fala, mas sim dar “voz” ao surdocego através de algum recurso de comunicação alternativa.

Já com relação à participação da família as entrevistadas referem-se à busca desses pais e amigos para a inclusão desses surdocegos no processo educacional. Embora, saibamos que essa atitude reflete a ausência de informação. A família também precisa ser cuidada, necessita de atenção especial, que em na sua grande maioria não encontra.

Quadro 4: Formação específica na área de surdocegueira, dificuldades, perspectiva e contribuição para atendimentos as necessidades dos alunos no Estado do PE.

Sujeitos	Formação específica na área	Dificuldades encontradas	Perspectiva do trabalho	Os atendimentos vêm contribuindo para atender as necessidades dos alunos
1 – PE	Passou por capacitações após ter iniciados os atendimentos educacionais.	Características de alguns alunos que apresentam inicialmente, ausência de profissionais.	Afirma que é um trabalho que tem bons resultados.	Vem buscando atender as necessidades humanas, educacionais e específicas dos alunos surdocegos.
2 – PE	Passou por capacitações após ter iniciados os atendimentos educacionais.	Em relação à família.	Que venham a ter autonomia e estruturar uma comunicação.	Vem buscando atender as necessidades humanas, educacionais e específicas dos alunos surdocegos.

Observamos que os profissionais **3** e **4** tiveram uma capacitação após iniciar os atendimentos. Esse dado



mostra que há preocupação do Estado em capacitá-los para desenvolver um trabalho específico. Em relação às dificuldades, a entrevistada **3**, refere-se às características de alguns alunos. Devido ao fato de não terem tido um atendimento específico na área precocemente, o que reafirmamos a necessidade dessa formação. Sabemos que as políticas públicas ainda não estão sendo colocadas em prática como deveriam. Nesse caso, os atendimentos precoces parecem não existir, em nossa região, o que repercute nos comportamentos apresentados pelos surdocegos, em que alguns pesquisadores mencionam como hipoativo ou hiperativo. Ela também cita outra dificuldade que é em relação à ausência de profissionais.

O Ministério de Educação (MEC, 2003) sugere que para desenvolver os atendimentos ao surdocego é necessária uma equipe para que possa atender as necessidades e características dos alunos. Na prática, apesar de ser sugerida uma equipe multiprofissional, geralmente não pode ser encontrada. Nessa instituição, encontramos apenas uma pedagoga vem desenvolvendo a proposta de trabalho. Já a entrevistada **4** cita como dificuldade principal a participação da família que tal como argumentamos anteriormente, essa família precisa ser orientada, esclarecida.

Em relação às perspectivas do trabalho pedagógico a entrevistada **3** menciona que é um trabalho que tem bons resultados, mas não deixa explícito sua perspectiva com o trabalho que desenvolve. Já a **4** cita como perspectiva que os alunos venham ter autonomia, bem como, estruturar uma comunicação expressiva e receptiva.

As entrevistadas **3** e **4** mencionam que com os atendimentos propostos vem buscando atender as necessidades humanas, educacionais e específicas do surdocego.



Quadro 5: Linha adotada, objetivos do trabalho, recursos utilizados e participação da família nos atendimentos desenvolvidos no PE.

Sujeitos	Linha adotada	Objetivos do trabalho	Recursos utilizados	Participação da família
3 – PE	Utiliza as abordagens coativas, defendidas por Van Dijk (1968).	Autonomia, estabelecer uma comunicação expressiva e receptiva.	Utiliza recursos de comunicação alternativa, sobretudo a partir do toque, do movimento corporal.	Buscam incluir a família, orientá-los sobre as necessidades do surdocego, mesmo assim, encontram dificuldades. em desenvolver um trabalho conjunto.
4 – PE	Utiliza as abordagens coativas, defendidas por Van Dijk (1968).	Estabelecer a comunicação e a autonomia.	Utiliza recursos de comunicação alternativa, sobretudo a partir do toque, do movimento corporal.	Buscam incluir a família, orientá-los sobre as necessidades do surdocego, mesmo assim, encontram dificuldades em desenvolver um trabalho conjunto.

Foi possível verificar que as entrevistadas **3** e **4** vêm utilizando as abordagens co-ativas. Em relação aos objetivos do trabalho que é proposto. Essas entrevistadas mencionam que visam contribuir para o desenvolvimento da comunicação receptiva e expressiva do aluno, e dessa forma, contribuir para a autonomia do aluno surdocego. Nesse sentido, essas entrevistadas, assim como a **1** e **2** também vêm investindo bastante para o desenvolvimento desses alunos, dentro das mesmas perspectivas.

Em relação aos recursos que vem empregando, assim como, as entrevistadas **1** e **2**, vem fazendo uso de recursos de comunicação alternativa, as entrevistadas **3** e **4** utilizam o toque, o movimentos, as expressões corporais e faciais entre outras.

Já com relação a participação da família no programa educacional, todas as entrevistadas, vêm buscando incluí-los, orientá-los acerca das necessidades do surdocego. Mesmo assim, ainda encontram dificuldades em



desenvolver um trabalho conjunto. Reafirmamos que a família também precisa de apoio, orientação, atenção especial para lidar com essa condição nova, inesperada, para que possam contribuir de forma satisfatória, sem se omitir ou agir de forma que não venha trazer bons resultados para o surdocego.

Pudemos verificar ainda, que apesar de serem regiões diferentes as propostas pedagógicas adotadas almejam os mesmo princípios e objetivos, visando contribuir para a inclusão do surdocego. Dessa forma, apesar de não termos uma quantidade significativa de alunos e profissionais envolvidos nessa proposta, os poucos que se fazem presente vêm dando sua contribuição. Diante da pequena divulgação das metodologias e estratégias de ação pedagógica, os profissionais vêm se empenhando nessa proposta, desenvolvendo ações que de certa forma contribuem para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem na diversidade. Os atendimentos podem não ser ideais, mas são reais, mostram que as ações foram iniciadas. Cabe não só aos profissionais, mas também ao Estado, e a sociedade em geral contribuir para implementação e melhoria da qualidade dos atendimentos.

Conclusões

O presente trabalho evidenciou que os professores apresentam dificuldades no desenvolvimento da proposta educacional com alunos surdocegos, sobretudo, aquelas relacionadas a materiais e a participação da família. Nesse caso, é importante envolvê-los no processo educacional, orientando-os sobre as reais necessidades desses sujeitos. Nesse caso, os pais representam o fator primor-



dial nas aquisições desses sujeitos, principalmente relacionadas à comunicação que é construída a partir das trocas comunicativas estabelecidas, por isso, é preciso que eles se conscientizem da sua importância junto ao filho e ao professor.

Mesmo diante das dificuldades, os profissionais vêm contribuindo bastante com propostas educacionais que favorecem sua aprendizagem. Mostrando, que os déficits sensoriais não são determinantes para os surdocegos serem rotulados como incapazes de aprender. Eles continuam tendo as mesmas possibilidades de aprendizagem, requerendo apenas que as práticas educativas sejam adaptadas as suas necessidades e interesses, como parece acontecer com os sujeitos desta pesquisa, uma vez, que vem atuando principalmente em uma das principais implicações da surdocegueira, que é a comunicação.

Bibliografia

MAIA, S. R; ARÁOZ, S. M. M. **A surdocegueira**: “saindo do escuro”. Revista do centro de educação. Ed, 2002. N, 17. Disponível em: < <http://www.ufsm.br/ce/revista/ce-esp/2006/01/a3.htm> >. Acesso em: 09 de ago de 2006.

BUSCAGLIA, L. **Os deficientes e seus pais**: um desafio ao aconselhamento. Tradução de Raquel Mendes. 3º Edição. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 1997.

CADER-NASCIMENTO, F. A.A; COSTA, M. P. R. **Descobrimo a surdocegueira**: educação e comunicação. São Paulo. Eduscar, 2005. 78p.

_____. **Movimento e comunicação na mediação pedagógica com crianças surdocegas**: a contribuição de Van Dijk. IN: MAQUEZINE, M. C. *et al* (ORG): Leitura e co-



municação no contexto da educação especial. Londrina. EdueL. 2003 p. 71/84.

GRUPO BRASIL DE APOIO AO SURDOCEGO E AO MÚLTIPLO DEFICIENTE SENSORIAL. **Surdocegueira Pré-lingüística**. São Paulo. 2001, 28p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (Brasil) **Saberes e práticas da Inclusão**: Dificuldades da Comunicação e Sinalização: Surdocegueira/Múltiplas Deficiências Sensoriais. Brasília; MEC, SEESP, 2003. 80p. (Coleção: Educação Infantil, n.6).

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. 10 ed. Petrópolis: vozes, 1998. 80 p.

VAN DIJK, J. **Moviment and communication with rubella children**. Tradução de Dalva Rosa. Madrid: ONCE. IN: Conferência pronunciada na Reunião Geral Anual – ONCE, Espanha, 1968, São Paulo, AHIMSA.

